

LITERATURA INFANTIL COMO CAMPO DE POSSIBILIDADE DE COMBATE AO RACISMO

Taislaene Araújo Santos¹
Ivana Maria Santana Andrade²

GT 6 – Educação, Inclusão, Gênero e Diversidade

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a literatura infantil como um campo de possibilidade de combate ao racismo. Para tanto, foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa em educação, a partir de uma pesquisa monográfica e reflexões advindas deste e de outros estudos acerca da Educação das Relações Étnico-Raciais, racismo e literatura infantil. Por meio dos resultados, podemos compreender a literatura infantil como um artefato cultural que não está isento das questões sociais de sua época. Como também, a potencialidade que reside no gênero literário quanto ao enfrentamento ao racismo e discriminações, para além do fortalecimento da identidade de crianças negras.

Palavras-chave: Literatura infantil. Racismo. Educação das Relações Étnico-Raciais.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la literatura infantil como un campo de posibilidades para combatir el racismo. Para ello, se desarrolló a través de una investigación bibliográfica con enfoque cualitativo en educación, a partir de investigaciones monográficas y reflexiones surgidas de este y otros estudios sobre la Educación de las Relaciones Étnico-Raciales, el racismo y la literatura infantil. A través de los resultados, podemos entender la literatura infantil como un artefacto cultural que no está exento de las problemáticas sociales de su época. Así como el potencial que reside en el género literario en cuanto a enfrentar el racismo y la discriminación, además de fortalecer la identidad de los niños negros.

Palabras clave: Literatura infantil. Racismo. Educación de las Relaciones Étnico-Raciales.

¹ Pedagoga e Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS), Grupo de Pesquisa em Educação, História e Interculturalidade (GPEHI/UFS/CNPq). <https://orcid.org/0000-0001-9535-7309>. E-mail: taisalinearaujo59@gmail.com

² Pedagoga e Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS), Grupo de Pesquisa em Educação, História e Interculturalidade (GPEHI/UFS/CNPq). <https://orcid.org/0009-0004-9138-5723>. E-mail: ivanamaria588@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo resulta dos estudos da monografia de uma das autoras citadas e das considerações concebidas sobre a Educação das Relações Étnico-raciais, racismo e literatura, a partir das quais nos propomos a refletir sobre a literatura infantil como um campo de possibilidade de combate ao racismo.

O racismo é um problema cultural e estrutural, e, portanto, permeia diversos espaços da vida cotidiana, sobretudo de modo sutil e por vezes imperceptível, como a invisibilidade reservada às pessoas negras nos diferentes lugares. Essa tentativa de invisibilidade se estende a literatura infantil que, como artefato cultural, não está isento das questões a sua volta, seja por meio da ausência de personagens negros ou ainda, quando presentes, reforçando estereótipos e preconceitos.

Além disso, o racismo e as formas de violências derivadas dele, interferem no desenvolvimento das crianças e jovens negros, culminando tanto na dificuldade de formação de identidade e da sua autoestima, como também de traumas e transtornos psicológicos e emocionais.

Portanto, destacamos a relevância da temática para o campo da Educação, visto que lida diretamente com a infância e as relações sociais que nela ocorrem. Também é pertinente para os professores e educadores em geral, pois os aspectos socioemocionais da criança são cruciais para o seu processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Este trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisas bibliográficas com abordagem qualitativa em educação e está organizado em 4 tópicos: No primeiro tópico, tratamos brevemente de como se deu a concepção de infância; No segundo tópico, discorremos acerca do surgimento da literatura voltada para crianças; No terceiro tópico, abordamos quais são as possíveis contribuições da literatura infantil para o desenvolvimento do seu público-alvo; No quarto tópico, refletimos sobre a relação entre a literatura infantojuvenil e a formação de identidades de crianças negras. E, por fim, nas considerações finais reunimos as reflexões possibilitadas por meio deste estudo.

A CONCEPÇÃO DA CRIANÇA E DA INFÂNCIA

Durante a Idade Média a criança foi compreendida como um adulto em miniatura, sem especificidades que a distinguisse do adulto, com exceção do seu tamanho e força (ARIÈS, 1986, p. 14). A elas estava relacionada a inexperiência, por isso após o período de amamentação, a criança vivia com outra família a fim de aprender um ofício, serviços e tarefas do dia a dia, por meio do contato com outros adultos. A passagem da criança pela própria família era tão breve que se tornava improvável a criação de um vínculo e relacionamento mais profundo.

Durante o renascimento, uma nova concepção de criança começa a nascer e a mesma é desvinculada da imagem do adulto em miniatura. A criança, neste período, tem sua figura associada a suavidade, fragilidade, inocência e pureza. Esta mudança de concepção teve grande contribuição da Igreja Católica, que relacionava a imagem da criança com a imagem de anjos.

Também há uma preocupação quanto à formação moral das crianças e o início do processo de escolarização infantil, o que é reforçado no processo de industrialização. Desta forma, diante da necessidade de manutenção e formação de mão de obra para o mercado de trabalho, bem como a necessidade de consumo, tendo em vista o avanço nos meios e modos de produção em massa, a infância recebe mais visibilidade.

No entanto, a criança negra, mesmo após o surgimento do sentimento da infância durante o período renascentista, nos países que praticaram a escravização dos povos africanos e indígenas, permanece por muito tempo compreendida como um sujeito que não possui direitos, ao qual não lhe eram dirigidos cuidados, atenção ou afeto, sendo na maioria das vezes entendido como algo de alguém, um objeto.

A infância para elas consistia em um período mais curto de suas vidas, pois logo que cresciam e tornavam-se úteis para a realização de tarefas, começavam a trabalhar. Logo, podemos compreender que a criança e a infância negra trazem consigo uma bagagem de experiências que certamente diferem daquelas vivenciadas por crianças brancas no decorrer de sua trajetória.

A concepção de criança e a infância são marcadas pela temporalidade da sociedade de cada período. São concepções que mudaram ao longo do tempo e continuam em transformação, pois não são fixas e imutáveis. Resultam de discursos de instituições como a Igreja e o Estado, e como todo ser que compõe e vive em sociedade, a criança também é atravessada por questões sociais.

Nos dias atuais, a criança é um sujeito que possui direitos, e estes são reconhecidos na Constituição Brasileira e em outras leis do país. É um ser ativo em seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, que constrói seu conhecimento de mundo a partir das experiências e relações que são estabelecidas desde os primeiros anos de vida. Também é reconhecida a sua especificidade, resultando em leis e diretrizes que buscam atendê-las, bem como estudos científicos que visam a compreensão do sujeito infantil.

O conceito e compreensão da infância transita, portanto, de um período entendido coletivamente como “um tempo sem maior personalidade, um momento de transição [...]” (DEL PRIORE, 1999, p. 84) para um período crucial “[...] para a formação intelectual, afetiva e social do ser humano” (CARVALHO, 2012, p. 81). Com esta mudança de concepção acerca da criança e da infância, que carrega cada vez mais consigo a ideia de preocupação e preservação das mesmas, a literatura infantil, e outros artefatos, são produzidos e destinados para este público.

O SURGIMENTO DA LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil desponta a princípio na França, durante o século XVII, por meio dos escritos de François Fenélon (1651-1715), que tinham como finalidade a educação moral da criança. Em razão disto, “as histórias tinham uma estrutura maniqueísta, a fim de demarcar claramente o bem a ser aprendido e o mal a ser desprezado” (SILVA, 2010, p. 137).

Além de Fenélon e outros autores, o francês Charles Perrault (1628-1703), conforme destacado por Zilberman e Lajolo (2007, p. 15), também foi responsável por impulsionar a literatura infantil, além de incorporar os contos de fadas em suas histórias, transformando em produção literária contos e estórias de natureza popular e de tradição oral. Entre seus escritos estão os *Contos da Mamãe Gansa*, que reúne contos populares da época.

Silva (2010, p. 137), também aponta que os contos de fadas que conhecemos atualmente tiveram origem na França, e que Perrault adaptou as narrativas “[...] retirando passagens obscenas de conteúdo incestuoso e canibalismo” e que em seguida “[...] trouxe a história moralizadora e mais adequada aos ambientes sociais que conviviam na época”.

No entanto, é na Inglaterra que a literatura infantil tem expansão a partir do processo de industrialização, que modificou os meios e modos de produção, passando de manual e artesanal para uma produção em massa, por meio de máquinas. Esta expansão acontece associada ao

fortalecimento do sentimento da infância nascido durante o período renascentista, o que resulta em influências recíprocas, pois como o modo e os meios de produção influenciam na produção de um sentimento da infância, o mesmo também influencia o que e como serão produzidos os artefatos culturais destinados à infância.

Desde o seu surgimento na França, o novo gênero literário que desabrocha enfrentou dificuldades para conseguir legitimação na sociedade, pois era alvo de preconceito social e seus autores não dispunham de muito prestígio e valorização. Como explica Silva (2010, p. 138),

Por seu caráter singular, nasce uma comparação hierarquizada com a literatura não infantil, a canonizada, a aceita pela academia, a lida e praticada pelo público adulto. Devido a essa classificação, a literatura infantil já nasce com o peso da menoridade, pois é atrelada a um projeto educacional (político-pedagógico) e a seu público, que é a criança, sem mencionar a predestinação mercadológica que em si está embutida.

Desta forma, a literatura infantil quando comparada às demais literaturas, não era compreendida como uma maneira de manifestação artística do ser humano, devido ao seu destinatário e ao seu caráter pedagógico e mercadológico. No que diz respeito ao caráter pedagógico presente na literatura infantil, juntamente com a escola, trata de uma relação que não surgiu ao acaso, como recorda Zilberman (2012, p. 6) “a aproximação entre a instituição e o gênero literário não é fortuita. Sintoma disso é que os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professoras, com marcante intuito educativo”.

A literatura infantil se expressa por meio da língua escrita, logo é interessante que o seu público possua a capacidade de leitura e escrita, e assim torna-se evidente a necessidade de a criança frequentar a escola. Ao mesmo tempo que, na escola é utilizado a literatura infantil como pretexto para ensinar conteúdos didáticos. Como apontam Zilberman e Lajolo (2007, p. 17),

Os laços entre a literatura e a escola começam desde este ponto: a habilitação da criança para o consumo de obras impressas. Isto aciona um circuito que coloca a literatura, de um lado, como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo que se impõe aos poucos; e, de outro, como caudatária da ação da escola, a quem cabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria circulação.

Quanto ao caráter mercadológico, este trata da venda e consumo dos livros de literatura infantil. A crítica realizada sobre esta questão diz respeito à produção destes livros visando atender o desejo do mercado. Em razão disto, Silva (2010, p. 138) entende que o caráter mercadológico se mostra o “grande vilão” para a literatura infantil, pois é, “[...] muitas vezes, considerada uma literatura de massa, de menor qualidade, produzida em grande escala e pouco elaborada, pois o que o mercado deseja, nesse âmbito, é a venda e o consumo, a quantidade, não a qualidade”.

Já consolidada nos países europeus, a literatura infantil chega ao Brasil no final do século XIX, momento em que o país passava por mudanças no regime político, no qual a monarquia foi substituída pela república. As obras chegam no país como uma adaptação da literatura europeia, sendo as histórias comumente traduzidas e postas em circulação em português de Portugal.

Apesar da proximidade do idioma, tanto o português do Brasil como o português de Portugal, apresentam, naturalmente, suas particularidades e variedades conforme a contribuição da cultura e das pessoas de cada país e região. Em razão deste distanciamento linguístico e cultural, as histórias apresentavam-se difíceis e complicadas para os pequenos e futuros leitores brasileiros. Conforme destacam Zilberman e Lajolo (2007, p. 30-31),

A adaptação do modelo europeu que nos chegava geralmente através de Portugal, nesse primeiro momento da literatura infantil brasileira, não se exerceu apenas sobre o conto de fadas. Ocorreu também a apropriação brasileira de um projeto educativo e ideológico que via no texto infantil e na escola (e, principalmente, em ambos superpostos) aliados imprescindíveis para a formação de cidadãos.

Neste projeto de nacionalização, as imagens, a linguagem, e o protagonismo presentes nos textos infantis são voltados para a formação de um sentimento de patriotismo, por meio de um pensamento positivista, da exaltação de paisagens e da natureza brasileira, e de uma linguagem correta e desprovida de regionalidade. Assim, como explicado pelas autoras (ZILBERMAN E LAJOLO, *ibid.*, p. 34) são histórias e contos “[...] marcados pela preocupação moralista e pela exortação aberta e redundante ao trabalho, ao estudo, à obediência, disciplina, caridade, honestidade”.

Apesar de ser uma figura controversa em relação ao racismo vinculado em suas obras por meio de termos e personagens, a literatura infantil brasileira se renova, a partir da publicação de *Narizinho Arrebitado*, em 1921, de Monteiro Lobato. Com esta obra, criada para as crianças e com uma linguagem acessível e atrativa, Monteiro Lobato contribuiu para que a literatura infantil no país se desprendesse da rigidez e do tradicionalismo que prevalecia até então.

Assim, o gênero literário que surge acompanhado de um estigma e que ocupava um lugar de baixo prestígio social em relação a literatura direcionada aos adultos, ganha cada vez mais espaço e visibilidade tanto de autores e autoras como também de editoras. Como destacado por Zilberman e Lajolo (*ibid.*, p. 44), “[...] toma corpo a produção literária para crianças, aumentando o número de obras, o volume das edições, bem como o interesse das editoras [...] dedicadas quase que exclusivamente ao mercado constituído pela infância.”

LITERATURA INFANTIL E O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS E JOVENS

A literatura infantil, a partir do lugar de destaque que lhe foi concedido, estende-se aos espaços de pesquisa e debate por parte de estudiosos, autores e educadores. Assim, destes estudos e debates, surgiram diversas contribuições para o gênero literário, em razão disto não existe um conceito único e universal acerca da literatura infantil. Isto se deve às diferentes “opções ideológicas, extraliterárias” (COELHO, 2000, p. 28), de cada um, que de maneira consciente ou inconsciente, permeiam o nosso modo de compreender o mundo, nossas concepções e, conseqüentemente, a maneira de compreender a literatura.

A literatura infantil pode ser entendida como arte, uma forma de expressão, que por meio da palavra, é capaz de representar pessoas e situações do cotidiano e/ou ainda de apresentar seres, criaturas mágicas e situações extraordinárias, presentes em nosso imaginário ou até inimagináveis. Assim, para Coelho (ibid., p. 27), a literatura infantil se constitui, primeiramente, como “literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra”.

A literatura infantil também é comunicação e informação, na qual a criança movida pela sua curiosidade (ou não) busca respostas e pistas que a ajudem a saciar suas dúvidas sobre si mesma ou sobre o mundo, sejam elas conscientes ou inconscientes. Conforme destaca Cademartori (2010, p. 15) “A obra literária recorta o real, sintetiza-o e interpreta-o através do ponto de vista do narrador ou do poeta. Sendo assim, manifesta, através do fictício e da fantasia, um saber sobre o mundo e oferece ao leitor um padrão para interpretá-lo”.

A literatura infantil, sendo ela um meio de comunicação e informação, apresenta à criança o desconhecido, uma nova perspectiva sobre aquilo que ela já conhece, possibilita que compreenda seus sentimentos e emoções, e o de outras pessoas também.

Decerto, a literatura infantil possui um público alvo, e, ainda que esteja aberta para os leitores de outras faixas etárias, ela é produzida visando atender ao público infantil. Isto requer que os autores e editoras fiquem atentos às especificidades que o gênero literário exige e é formado. Assim, como destacado por Cademartori (ibid., p. 11-12),

Os elementos que compõem uma obra do gênero devem estar de acordo com a competência de leitura que o leitor previsto já alcançou. Assim, o autor escolhe uma forma de comunicação que prevê a faixa etária do possível leitor, atendendo seus

interesses e respeitando suas potencialidades. A estrutura e o estilo das linguagens verbais e visuais procuram adequar-se às experiências da criança. Os temas são selecionados de modo a corresponder às expectativas dos pequenos, ao mesmo tempo em que o foco narrativo deve permitir a superação delas. Um texto redundante, que só articula o que já é sabido e experimentado, pouco tem a oferecer.

Um texto literário, não se resume ao tracejado das letras, das sílabas e das palavras formadas, ainda que estas sejam potentes e transformadoras. A literatura guarda histórias e experiências da vida, toca nas dores, afetos e incertezas de modo ímpar a cada um que ler, possibilitando que o leitor, a criança, compreenda seus sentimentos e pensamentos. Como aponta Bettelhein (2002, p. 5) é

Exatamente porque a vida é freqüentemente desconcertante para a criança, ela precisa ainda mais ter a possibilidade de se entender neste mundo complexo com o qual deve aprender a lidar. Para ser bem sucedida neste aspecto, a criança deve receber ajuda para que possa dar algum sentido coerente ao seu turbilhão de sentimentos. Necessita de idéias sobre a forma de colocar ordem na sua casa interior, e com base nisso ser capaz de criar ordem na sua vida. Necessita - e isto mal requer ênfase neste momento de nossa história - de uma educação moral que de modo sutil e implícito conduza-a às vantagens do comportamento moral, não através de conceitos éticos abstratos, mas daquilo que lhe parece tangivelmente correto, e portanto significativo.

Abramovich (1997, p.99) também entende que a literatura é um lugar

[...] de ficção, de histórias, onde se aborda um – ou vários problemas – que a criança pode estar atravessando ou pelo qual pode estar se interessando... De uma leitura que não é óbvia, discursiva ou demonstrativa do tal tema... Onde ele flui natural e límpido, dentro de narrativa – que evidentemente não tratará apenas disso.

Visto que a literatura infantil contribui para a organização da “casa interior” (BETTELHEIN, IBID., p. 5) da criança, ela também provoca e mobiliza sentimentos e emoções, pois, por meio do enredo que se desenrola e dos personagens presentes, temos a possibilidade de vivenciar a história “de dentro”, de identificar emoções e senti-las como os personagens as sentem de um modo real, profundo e até íntimo. Desta forma Abramovich (ibid., p. 17), destaca que

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário.

Além dos aspectos imaginativo e real, de curiosidades e descobertas, de encantamento e prazer, dentre outros que englobam a literatura infantil, também podemos enxergá-la como uma maneira de compreensão da sociedade. Visto que os livros destinados às crianças são tanto elaborados em determinados períodos da história da humanidade, como também são produtos destas sociedades. Cada uma com suas crenças, valores, culturas e modos de vida diferentes, logo,

é natural que a literatura infantil seja permeada por essas peculiaridades. Como recordado por Coelho (ibid., p. 27-28),

Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo. Conhecer esse “modo” é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade em sua constante evolução. Conhecer a literatura que cada época destinou às suas crianças é conhecer os ideais e valores ou desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou (e se fundamenta ...).

Assim, a literatura infantil também pode ser compreendida como uma manifestação dos pensamentos e comportamentos de determinadas sociedades. Possibilita ainda que, por meio destas obras literárias, compreendê-las sob uma perspectiva diferente, capaz de despertar experimentações sensíveis no leitor.

Além dos textos verbais, as imagens são bastante utilizadas na literatura infantil e infanto-juvenil, elas também comunicam mensagens e podem estar de acordo com o texto verbal, confirmando a mensagem transmitida, ou a contradizendo. Conforme apontado por Lima (2005, p. 101), “as imagens ilustradas também constroem enredos e cristalizam as percepções sobre aquele mundo imaginado. Se examinadas como conjunto, revelam expressões culturais de uma sociedade”.

Portanto, o texto imagético, juntamente com o texto verbal, compõe a literatura infantil e infanto-juvenil, não é algo desprezado do texto verbal, e muito menos impensado, é necessário planejamento e clareza do que deseja comunicar.

Cademartori (ibid., p. 14), entende que o gênero literário atualmente tende a “[...] valorização dos dois textos, o visual e o verbal, sendo mantida a interação entre eles que estimula múltiplas percepções, possibilitando diversos reconhecimentos e interpretações nas leituras dos textos compostos por diferentes signos”.

Ela transmite mensagens, comunica e instiga a criação de ideias, promove questionamentos diversos, daqueles considerados mais simples aos mais complexos, em uma linguagem singular e compreensível, considerando seu público alvo. Esta, inclusive, é uma característica comum dos contos de fadas, como aponta Bettelheim (2002, p. 7), ao afirmar que

[...] um dilema existencial de forma breve e categórica. Isto permite a criança aprender o problema em sua forma mais essencial, onde uma trama mais complexa confundiria o assunto para ela. O conto de fadas simplifica todas as situações. Suas figuras são esboçadas claramente; e detalhes, a menos que muito importantes, são eliminados. Todos os personagens são mais típicos do que únicos.

A literatura infantil está repleta de criatividade e, quando encontra um solo fértil na mente das crianças, possibilita às mesmas dar asas à imaginação. Ela também faz representações,

tanto do real quanto do imaginário, e nestas representações a criança busca significados e relações possíveis com sua realidade, seu contexto e suas relações. Assim, conforme destacado por Lima (2005, p. 101) “para além de uma função, a terapêutica, as narrativas voltadas para um leitor jovem apresentam o dinamismo das diferentes culturas humanas e o que imaginamos ser um espaço de significações, aberto às emoções, ao sonho e à imaginação”.

A literatura infantil, e literatura em geral, possui a capacidade de se conectar com seu leitor, de tocar em seus afetos e desafetos, de provocar e mobilizar sentimentos e emoções, de transmitir valores e representações que podem nortear as concepções que constrói o seu leitor a respeito da sociedade e de si mesmo.

LITERATURA INFANTIL E A FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE DAS CRIANÇAS NEGRAS

Como destacado anteriormente, a literatura infantil lentamente deixou de ser um gênero socialmente desvalorizado e ganhou cada vez mais prestígio, agregando ao gênero autores e autoras renomados. No entanto, apesar deste avanço considerável, “[...] não se pode afirmar que, no que se refere ao eixo de desigualdade étnico-racial, a literatura infantil e a infantojuvenil tenham rompido totalmente com hierarquizações raciais e étnicas” (ARAUJO E SILVA, 2012, p. 197).

A presença de personagens negros, nos livros de literatura infantil, se tratava de algo incomum, quando muito, apareciam em posições subalternas e carregadas de estereótipos em seus jeitos, falas e representação imagética. Uma pequena, mas importante, mudança neste cenário, ocorreu devido a implementação da Lei 10.639/03, que contribuiu para impulsionar a produção literária com personagens negros.

Nota-se que este foi um pequeno avanço para a presença de personagens negros nas obras literárias, quando comparada a produção em geral. Como destacam Araujo e Silva (ibid., p. 203), ao considerar que “[...] há manutenção de hierarquia racial na produção literária brasileira, relegando personagens negras a posições subalternas ou estereotipadas, embora pequenos avanços já possam ser encontrados”.

No entanto, a ausência de personagens negros e negras, representados de maneira positiva na literatura infantil e infantojuvenil, também contém significados e transmite mensagens, tanto quanto sua presença. A criança, está continuamente construindo suas

concepções de mundo, a partir de tudo que está a sua volta, sejam pessoas, ações, falas, etc., e desta forma, a criança negra compreende na ausência destes personagens a falta de pertencimento e o não-lugar. A falta de reconhecimento gerada, também contribui para a reprodução de valores sociais, baseados em uma sociedade branca, patriarcal, machista e racista.

Lima (Ibid., p. 103) propõe o exercício de buscarmos, fisicamente ou em nossas memórias, livros infantis que possuam a presença de personagens negros em seu enredo. A partir deste exercício, a autora compartilha que “a primeira sensação era a de não existirem, de nunca aparecerem nas aventuras, nas histórias de amor, nas de suspense, no mundo das princesas, dos heróis e das turmas desses enredos. Enfim, não eram visíveis nesses repertórios comuns”. Ou, quando presentes, eram representados em contextos de submissão, e carregados de estereótipos.

Estereótipos são ideias pré-concebidas construídas pela sociedade que padroniza, define e rotula um ou mais indivíduos, baseando-se em sua aparência, origem, gênero e comportamentos. Estereótipos surgem das interações sociais, são “passados adiante” e aprendidos inconscientemente, também são eles que fomentam o preconceito.

Retomando a reflexão feita por Lima (2005), a respeito da figura negra na literatura infantil/ infantojuvenil, Teodoro (2005, p. 86) também destaca que “na literatura brasileira, no entanto, o negro é a palavra excluída, ocultada com frequência, ou uma representação inventada pelo outro, sendo sempre o elemento marginal”.

Portanto, podemos observar que ora a presença de personagens negros na literatura, sobretudo como protagonista, é inexistente, ora se faz presente por meio de estereótipos, numa visão deturpada e sem muito aprofundamento. Tanto a presença quanto a ausência destes personagens, transmitem mensagens e significados que são apreendidos pelas crianças, em um momento que buscam significações para construírem suas percepções de si e do mundo.

É a partir destas percepções construídas por meio da compreensão das semelhanças e diferenças entre os sujeitos, que se constrói a identidade. Segundo Bento (2012, p. 107), a construção da identidade se constitui em um processo “extremamente complexo, e que permite a singularidade de cada um de nós. [...] Ou seja, identificar-se é conviver e interagir, e também pode ser separar-se do outro, diferenciar-se, constituir-se em suas singularidades”.

Trata-se de um processo contínuo e gradativo, isto é, que é passível de mudanças ao longo da vida, pois conforme o indivíduo cresce, ele amplia seu círculo de socialização tendo a possibilidade de repensar, agregar ou rejeitar determinados aspectos a sua identidade. Este é um

importante processo de construção do sujeito, e ocorre por meio das socializações realizadas com outras pessoas, outras maneiras de ser, pensar e agir, que vão contribuindo para o estabelecimento de crenças e valores, formando a personalidade do indivíduo e definindo quem a pessoa é.

Desta forma, a construção da identidade de uma pessoa perpassa pelo reconhecimento do outro, das diferenças, e assim são construídas percepções de si próprio. Cavalleiro (2018, p. 19) aponta que “o indivíduo se identifica reconhecendo seu próprio corpo, situado em um meio que o reconhece como ser humano e social. Assim, a identidade resulta da percepção que temos de nós mesmos, advinda a da percepção que temos de como os outros no veem”.

Logo, durante o processo de construção da identidade, a compreensão que se têm sobre si próprio desempenha um importante papel neste processo, sendo ela afetada pela visão que as outras pessoas e a sociedade concebem a seu respeito e ao grupo social no qual se está inserido. Contudo, para pessoas de grupos sociais minoritários, como a criança negra, a construção de uma identidade positiva e saudável, se configura em um processo difícil. Isto se deve ao fato de vivermos em uma sociedade calcada e estruturada pelo racismo, que persiste até os dias atuais e adquiriu diversas conotações mesmo após a abolição da escravidão.

Conforme explica Bento (Ibid., p. 99) “a complexidade do ser negro em uma sociedade em que essa condição aparece associada a pobreza, inferioridade, incompetência, feiúra, atraso cultural tornam a construção da identidade racial dos negros e negras um grande desafio [...]”.

A característica física mais visível em uma pessoa, certamente é a cor da sua pele, uma característica que se destaca e é difícil de se esconder. Logo, pessoas negras são alvos constantes de práticas racistas gratuitamente. A situação só piora quando os alvos destas práticas não possuem uma rede de apoio e acolhimento que os encorajem a construir uma percepção positiva de si próprio e de seus semelhantes. Assim, o racismo na construção da identidade das crianças negras, gera consequências negativas que podem acompanhá-las ao longo da vida.

As consequências geradas atingem as crianças de diversas maneiras, dentre elas a produção de sentimentos negativos em relação às suas características físicas. Na tentativa de sobreviver ao racismo, muitas crianças almejam disfarçar seus traços que a identificam e relacionam com o grupo étnico-racial, comumente alvo do preconceito. Um exemplo bastante comum, é o alisamento capilar realizado ainda em crianças, imposto como a única alternativa para domar os fios “rebelde” e se aproximar do padrão socialmente aceito dos fios de cabelo lisos.

Outras violências sofridas, as afetam profundamente no campo psicológico e emocional, que, devido a sua natureza, são mais difíceis de serem identificadas. Como toda forma de violência, o racismo também pode desencadear transtornos psicológicos como ansiedade e depressão, além de criar traumas em razão das experiências negativas vivenciadas.

Uma criança negra, tem seu processo de construção da identidade abalado pela descoberta e consciência do modo como a cor da sua pele definirá a maneira que será compreendida e tratada em sociedade, bem como aquilo que é esperado do seu grupo étnico-racial.

Isto, interfere na autoestima destas crianças e gera um sentimento de insuficiência, a partir da internalização da crença de que não importa o quanto se esforcem e façam seu melhor, não receberão o mesmo tratamento direcionado a criança branca, não terão sua beleza reconhecida e apreciada, não serão boas o suficiente para uma sociedade racista.

Segundo Bento (2012, p. 111),

Cada um de nós gosta, em geral, de nossas características que são apreciadas pelos outros. Necessitamos de imagens positivas acerca de nós mesmos, para podermos funcionar de modo harmonioso. Precisamos acreditar que somos, ao menos em alguma medida, “bons”; senão, o ódio e a agressividade que fazem parte de nossa vida emocional atacam nosso próprio “eu”, com conseqüências severas para o funcionamento psíquico. Assim, quando uma criança recebe mensagens contínuas de que não é tão bonita, tão atraente quanto sua coleguinha, ou de que seus traços são considerados feios, ou expressão de sujeira, teremos um grande problema na formação da identidade desta criança.

Desta forma, compreendemos a importância de existirem representações nos diversos espaços sociais, em especial na literatura infantil/infantojuvenil, que possa contribuir para o fortalecimento da identidade das crianças negras, e que para além disto contribua para que a criança branca conviva e respeite a diversidade. Lima (2005, p. 109), aponta que

[...] o problema não está em representarmos a imagem negra nesta ou naquela expressão. A diferença para uma criança não negra está no número de opções em que ela se vê para elaborar sua identidade. Em todo o leque dessa oferta, podemos encontrá-las nas mais diferentes formas, papéis e jeitos, o que compensa uma ou outra desqualificação. O mesmo não acontece para a criança negra, que encontra imagens pouco dignas para se reconhecer, o que não está na profissão, mas na altivez, simpatia, inteligência, enfim, integridade como pessoa e não apenas bobice como configuração.

Assim, não basta somente a presença de personagens negros nos livros destinados as crianças e jovens, é necessário que esta seja uma representação positiva, isto é, que possa contribuir para a construção e fortalecimento da autoestima e identidade da criança e do jovem negro. Personagens negros carregados de estereótipos, que reforcem o racismo e preconceito, estimulando a discriminação, não contribuem para que a criança negra construa uma identidade

positiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, reforçamos que a literatura cria representações, sintetiza em palavras e imagens uma percepção de mundo e o desejo a respeito de qual mundo se anseia viver. Em uma sociedade historicamente marcada e estruturada pelo racismo e suas consequências, não surpreende que a produção literária também seja permeada por estas questões.

Assim, percebemos que uma obra literária destinada às crianças e jovens, não é uma obra neutra, nela estão impressas crenças e valores do autor(a), ilustrador(a), editora e sociedade, presentes no enredo, nas ilustrações, nos personagens e em suas características. Em razão disto, é necessário entendê-la para além de um passatempo ou divertimento, uma vez que pode causar repercussões, sejam elas positivas ou negativas na vida das crianças.

Tendo em vista a capacidade da literatura infantil, percorrida neste artigo, de se conectar com seu leitor, de lhes apresentar representações de mundos e comunicar ideias, a compreendemos como um campo de possibilidade de combate ao racismo, que pode contribuir na formação da identidade de crianças negras, fortalecendo-as contra o racismo e suas consequências físicas, psicológicas e emocionais. A representatividade negra positiva na literatura infantil também traz benefícios para as crianças não-negras, ampliando sua noção de representação do mundo, enfatizando a importância do respeito às diferenças e a beleza que reside nisso.

Por fim, conseguimos perceber que, ainda que a literatura infantil seja uma potente arma de enfrentamento ao racismo e a discriminação, notamos, a partir de algumas obras citadas, que esta pode ser, infelizmente, um instrumento de perpetuação de violência. E que, por isso, reafirmamos a necessidade de ocupar esse campo a partir de perspectivas antirracistas e interculturais, para que o processo de construção da autoestima da criança negra seja fortalecido.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. 5 ed. São Paulo: Scipione, 1997.

ARAUJO, Débora Oyayomi Cristina de; SILVA, Paulo Vinicius Baptista da. Diversidade étnico-racial e a produção literária infantil: análise de resultados. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade**: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT,

2012, p. 194-220.

ARIÉS, Philippe. **História Social da criança e da família**. 2 ed. – Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BENTO, Maria Aparecida Silva. A identidade racial em crianças pequenas. In: _____ (Org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012, p. 98-117.

BETTELHEIN, Bruno. **A psicanálise dos Contos de Fadas**. 16 ed. Editora Paz e Terra, 2002.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: editora brasiliense, 2010, p. 52, (Primeiros Passos).

CARVALHO, Silvia Pereira de. Os primeiros anos são para sempre. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012, p. 81-97.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2000.

DEL PRIORE, Mary. O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império. In: _____. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999, p. 84-106.

LIMA, Heloisa Pires. Personagens Negros: um breve perfil na literatura infantojuvenil. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 101-115.

SANTOS, Taislaene Araújo. **O Pequeno Príncipe Preto: diálogos possíveis com a literatura na (re)construção da autoestima da criança negra**. 70 f. Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão – SE. 2022.

SILVA, Aline Luiza. Trajetória da literatura infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. **REGRAD-Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM-ISSN 1984-7866**, v. 2, n. 2, 2010. Disponível em: <https://revista.univem.edu.br/regrad/article/view/234>. Acesso em: 10 de março de 2022.

TEODORO, Helena. Buscando Caminhos nas tradições. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 83-99.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 1 ed. digital. São Paulo: Global, 2012. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/10xxsv1>. Acesso em: 10 de março de 2022.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Literatura Infantil Brasileira: histórias & histórias**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2007.